



A observação que vai além do campo periférico da visão: o estágio como processo de aprendizagem e conhecimento

Carlos Almeida de Sá¹

Universidade Regional do Cariri-URCA

E-mail: carlinhosweres@gmail.com

E-mail: Antonio Giovanny Cardozo Soares²

giovannysoares04@gmail.com

Cícero Joaquim dos Santos³

Universidade Regional do Cariri-URCA

E-mail: c.joaquimsantos@yahoo.com.br

O presente trabalho busca discutir as possibilidades das diferentes leituras proporcionadas pelo estágio de observação, tendo como principais bases metodológicas os relatos de experiências vivenciadas sob as propostas da disciplina de Estágio I, realizadas na escola de Ensino Fundamental e Médio José Alves de Figueiredo no município do Crato, Ceará, e na escola de Ensino Fundamental Avelino Feitosa, no município cearense de Nova Olinda entre os meses de setembro e outubro de 2017. A proposta de se trabalhar tal temática surge, principalmente, devido a problemáticas que acentuaram as perspectivas iniciais das orientações em torno das atividades a serem realizadas em âmbito escolar.

A partir de debates iniciais, feitos ainda em espaço universitário, salientou-se uma necessidade por assumir uma postura flexível e crítica diante das observações de atividades teóricas e práticas realizadas por professores em sala de aula. A partir das

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em história pela Universidade regional do Cariri (URCA)

² Graduando do Curso de Licenciatura em história pela Universidade regional do Cariri (URCA)

³ Doutor em História pela Universidade Federal do Cariri (UFC)



concepções teóricas expressas por Fonseca e Lucena Lima (2012) se é possível observar, a presença de algumas visões que insistem em colocar a prática do estágio em um status de mera observação de padrões, estilos e métodos a serem imitados ou simplesmente copiados em futuros exercícios docentes. Através desse panorama não se é dado o espaço para se considerar as inúmeras transformações históricas, que trazem novas demandas e realidades sociais para a escola; e, sobretudo entender como as mesmas se mostram tão intrínsecas aos alunos e suas ações cotidianas. Nesse sentido algumas reformulações práticas precisavam consequentemente ser mais refletidas.

Buscando romper com esse engessamento metodológico de pensamento, procurou-se considerar o estágio como um laboratório de reflexão teórico e prático no processo de conhecimento não somente limitado à figura do professor ou da sala de aula, mas a todo complexo físico e sensível que subtemem o espaço escolar (biblioteca, banheiros, espaço recreativo, laboratórios, relações interpessoais, entre outros), para assim analisar como esses se integram e ressignificam os processos de aprendizagem de estudantes e professores diante as novas configurações contemporâneas de pensamento e relações sociais, tendo em vista que “o ensino não é um assunto individual do professor, pois a tarefa escolar é resultado das ações coletivas dos professores e das práticas institucionais”. (PIMENTA; LUCENA LIMA, 2012 p. 56).

Partindo de algumas reflexões metodológicas feitas por Zamboni (2011) priorizou-se uma análise de caráter investigativo, propostas pela autora, para assim se estabelecer uma compreensão significativa das relações estabelecidas entre os alunos e professores no espaço escolar. Primeiramente optamos por uma observação mais aprofundada do espaço físico de ambas as escolas. As semelhanças estruturais — sobretudo no que se diz respeito às precariedades — mostram o quanto pode ser complexo e até mesmo fatigante ministrar duas horas aulas. Salas escaldantes, bebedouros com problemas de refrigeração, baixa iluminação e até mesmo troca de material paradidático entre professores em meio a uma aula, foram alguns dos problemas inicialmente postos em anotações.



Outros elementos chamaram a atenção. A biblioteca da escola José Alves de Figueiredo, por exemplo, tem um belo espaço distribuído de forma organizada e acolhedora, além de conter um rico acervo de livros com diferentes propostas temáticas, sobretudo os referentes à área da história, porém, o espaço segundo a bibliotecária é pouco frequentado, tanto por alunos quanto por professores. Os índices de empréstimos desses livros são também explicitamente baixos, inclusive os frequentemente acessados pela cultura popular adolescente como as HQs (histórias em quadrinhos) de super-heróis, por exemplo. Em contraponto, o espaço para a leitura do colégio Avelino Feitosa se resume a uma pequena sala de leitura, fechada na maior parte do tempo e sem funcionário fixo, o que dificulta tanto a organização do material como também o acesso aos estudantes.

Outros espaços como os laboratórios de informática, ciências e matemática são mais frequentados contando com um arsenal relativamente bom de equipamento, que na concepção de alguns alunos dão um sentido maior às aulas. Outro fator destaque é o quesito acessibilidade. Ambas as escolas possuem poucos recursos estruturais para lidar com determinadas situações de locomoção e quase nenhum recurso didático para determinadas especificidades especiais, como material em braile ou profissionais com fluência em libras.

Partindo do pressuposto de que as sensibilidades são também uma forma de apreensão e de conhecimento do mundo (PESAVENTO, 2007), buscou-se, através da observação, uma análise mais empática de algumas relações interpessoais intrínsecas e extrínsecas ao âmbito escolar. A sala de aula, como já esperado, configurou-se como um dos ambientes mais complexos de entendimento, onde os sentimentos dos alunos são expressos através de inúmeras expressões gestuais e vocabulares e suas vivências pessoais demonstradas em seus cortes de cabelo, gostos musicais, colocações sobre política e até mesmo em apelidos ofensivos que podem revelar muito mais de que simples chacotas.



A sala dos professores foi outro espaço peculiar a ser considerado. Através de algumas conversas estabelecidas com determinados professores de diferentes áreas, se foi possível entender suas angústias profissionais, as alegrias expressas em momentos de confraternização e as relações prazerosas com seus colegas de trabalho. Alguns momentos de discussões polêmicas nesse local serviram para levantar questionamentos pertinente a ética docente; sendo comum colocações até mesmo preconceituosas por parte de determinados professores ao que se refere as lutas de grupos LGBTTTI e feministas.

O estágio foi uma experiência bastante rica, viver a realidade de um colégio é realmente muito diferente de tudo que já havíamos vivenciado. Para algumas questões de dificuldades já estávamos em um processo de aceitação por serem frequentemente expressas no decorrer do curso de graduação e por lamentações ouvidas a partir da vivência de alguns professores. No entanto, considera-se essa experiência bastante proveitosa, tanto no trato com os alunos, professores e gestores quanto no processo de investigação do ambiente escolar, que apesar de seus problemas estruturais, sociais e culturais, foi bastante receptivo.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio de observação, experiências, conhecimento

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007, p. 9 - 22.

PIMENTA, Selma Guarrido; LUCENA LIMA, Maria Socorro. *Estágio e Docência*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 33 - 57

ZAMBONI, Ernesta. Lugar do conhecimento histórico na formação dos jovens. In: CARDOSO PACHECO, Heloísa H.; PATRIOTA, Rosangela (Orgs.). *Escritas e narrativas históricas na contemporaneidade*. Belo Horizonte: Fino traço, 2011, p. 23 – 30.